

HIDRONÍMIA DO RIO DAS VELHAS: ESTUDO DE CASO

Letícia Rodrigues Guimarães Mendes (UFMG)
lemuchacha@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar um recorte do estudo dos hidrônimos das localidades que compreendem o Alto e Médio Rio das Velhas, região que guarda profundos laços com a ocupação e fixação do desbravador bandeirante em território mineiro.

Os estudos toponímicos, especialmente os relacionados ao universo das águas, revelam estreita relação entre o homem, a cultura e o ambiente em que se insere. Os resultados obtidos por meio de nosso estudo, de fato, revelam que são evidentes e abundantes as relações entre o homem e o ambiente das Minas Gerais na época do bandeirantismo e também em diversos aspectos presentes na contemporaneidade: os nomes de natureza física, especialmente os ligados a plantas (fitotopônimos), confirmam a intensa relação que o homem estabelece com os elementos da natureza no ato da nomeação.

Muitos estudos relacionados à Onomástica, principalmente os que remetem à toponímia e à antroponímia, vêm sendo realizados nos últimos anos. Direcionados à terra, ao homem, aos acidentes físicos ou humanos, têm tomado vulto cada vez maior. Essa área de pesquisa, ao mesmo tempo vasta e intrigante, leva o homem a conhecer mais sobre si mesmo e sobre o ambiente que o cerca, pois esse é um campo de estudos que envolve, indissolivelmente, língua, história e sociedade.

Pelo fato de considerar o estudo da língua aliado ao estudo da cultura, os campos de trabalhos referentes ao nomear abrem-nos um leque de possibilidades de pesquisa, e a essas está o relacionado aos nomes dos acidentes físicos de determinadas regiões. Ao contrário do que pode parecer a princípio, a nomeação desses acidentes encerra relações profundas entre o nomeador e o nomeado. Há diversos tipos de acidentes físicos, e aí se inserem os relacionados à água e à

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

nomeação de outros acidentes derivados desse campo; trata-se da *hidronímia*.

A presente pesquisa abrange, nesse universo das águas, os nomes do passado e do presente, a relação existente entre o nomear e a cultura, o nomear e a história das Minas Gerais nos séculos XVIII, XIX e XX, a ocupação e a povoação em torno do Rio das Velhas e da região conhecida pelo nome de Quinta do Sumidouro.

1. O caminho das águas

O “caminho das águas” foi um caminho de direcionamento. Mapas, mesmo os mais antigos, davam ênfase aos acidentes físicos, como morros e serras, e também a rios e diversos cursos d’água. Dentre tantos nomes, teriam os mais antigos se mantido, ou foram substituídos por outros? A que taxa toponímica correspondem a maioria dos nomes encontrados e qual a relação desses nomes com a cultura e a sociedade das Minas setecentistas, oitocentistas e mesmo com a sociedade de hoje? Eis algumas das questões a que procuraremos responder.

Para os povos que primeiro adentraram os sertões mineiros, a água e o caminho por elas indicado eram a rota das riquezas. Rios, nascentes, córregos e demais cursos d’água eram constantemente usados como referência para indicar o caminho certo, ou o rumo a ser tomado. Nesse caminhar e desbravar, os nomes indígenas dos rios e demais cursos eram conhecidos, mas muitas vezes trocados por nomes relacionados à passagem do homem branco pelos locais.

Antes da chegada do homem branco, já existia outro nome, instituído, usado e conhecido pelos indígenas. Com o estabelecimento das relações entre o homem branco e o gentio, alguns dos nomes de lugar foram traduzidos para a língua do caraíba, e, assim, eram utilizados, concomitantemente, nomes indígenas e não indígenas. Porém, não é possível precisar, devido à ausência de registros, o momento das transições dos nomes quando de sua passagem para a língua do desbravador. É o caso do Rio das Velhas, durante tempos conhecido como *Uaimií* e cuja tradução significa exatamente *Rio das Velhas*.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

2. Rio das Velhas: caminhos do ontem, caminhos de hoje

A Bacia hidrográfica do Rio das Velhas, alvo geral de nosso estudo, relaciona-se à Bacia do Rio São Francisco, o qual deságua no Oceano Atlântico. Constitui-se como uma das principais bacias hídras do estado de Minas Gerais. Na época dos bandeirantes, depois de esgotada a exploração do ouro, esse rio continuou ainda a valer-se para os homens por muito tempo: seja para guiá-los por novos caminhos, seja para escoar para municípios diversos produtos de uma região, seja para o sustento com a imensa variedade de peixes encontrados nessas águas. Pelo Rio das Velhas navegaram expedições, ora com objetivo exploratório, como as dos bandeirantes, ora com objetivo científico, como a de Bourton, em sua *Viagem de canoa de Saará ao Oceano Atlântico*, e hoje, expedições com objetivos ambientais, como a do *Projeto Manuelzão*, desenvolvido em parceria com a UFMG e cujo propósito é possibilitar, até o ano de 2010, que nos seja possível novamente navegar, nadar e pescar nas águas do Velhas.

3. A língua como reflexo da sociedade

A linguagem, por seu valor e relevância para o homem e a sociedade, sempre foi alvo de inúmeros estudos. Abordagens atuais enfocam a língua como algo intimamente relacionado à cultura, às formas que o indivíduo possui de enxergar, habitar e interpretar o mundo e o ambiente em que está inserido.

Duranti (2000, p. 27) ressalta que “a possibilidade de fazer descrições culturais [...] depende da medida em que determinado tipo de linguagem permita a seus falantes articular em um sistema o que fazem com as palavras na vida cotidiana²⁷” (tradução nossa). O estudo das linguagens dentro das diferentes culturas permite-nos, portanto, estudar o homem como ser mutante e como modificador do ambiente em que vive. Não é um ser único e pré-definido, mas sim moldado por fatores os mais diversos, como crenças, religião, ambiente, entre outros. Isso ocorre pelo fato de que cada indivíduo, inserido em

²⁷ “La posibilidad de hacer descripciones culturales [...] depende de la medida en que un lenguaje determinado permita a sus hablantes articular en un sistema lo que hacen con las palabras en la vida corriente”.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

sua realidade cultural, utiliza palavras que reproduzem diferentes e particulares maneiras de refletir sobre o mundo e sobre a existência humana. Labov (1968) defende a ideia de que é necessário compreender que a língua é um conjunto estruturado de normas sociais. Em outras palavras, poderíamos dizer que a linguagem possui uma função social.

A palavra é a primeira manifestação de uma linguagem articulada e com significado lógico, ou seja, é uma entidade psicolinguística primordial, a primeira que faz dar sentido ao discurso humano. Ela é fonte geradora de sentido, de ideias, de enunciados. Em nossa pesquisa, pudemos verificar a força geradora de significados e sentidos representados nos nomes dos cursos d'água presentes em nosso *corpus*. Essa força de sentido se produz através da ocupação humana, da cultura, da relação do homem com o ambiente que o cerca.

Defendemos em nossa abordagem que é impossível considerar o estudo de uma sociedade sem considerar sua cultura. Diversos autores, como Duranti (2000), assinalam que o estudo da linguagem é um recurso da cultura e, ainda, que a linguagem é, sobretudo, uma prática cultural. A cultura de uma sociedade “não se manifesta apenas nas histórias que ouvimos contar uma ou outra vez. Também se encontra nos intercâmbios que fazem possíveis aqueles relatos, nas formas de organização que permitem incluir uns e segregar outros”²⁸, (DURANTI, 2000, p. 27, tradução nossa).

4. Estudos lexicais contemporâneos

Os estudos contemporâneos tendem a seguir a concepção de léxico a partir do entrelaçamento entre língua, sociedade e cultura, conforme já assinalamos. Essa visão tomou maior amplitude com o desenvolvimento dos estudos da Antropologia Linguística. O léxico é o saber partilhado, faz parte do acervo vocabular de determinado grupo e representa sua visão de mundo.

²⁸ “[...] no solo se manifiesta en las historias que oímos contar una y otra vez. También se encuentra en los intercambios que hacen posible dichos relatos, em las formas de organización que permiten participar a unos y segregar a otros”.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

A Onomástica é parte integrante do campo de estudos da Lexicologia, ou seja, do estudo das palavras. Onomástica, por definição, é o estudo dos nomes próprios. Dentro da esfera onomástica, estão dois outros campos de estudos: a Toponímia e a Antroponímia. A primeira é a ciência que estuda os nomes de lugares, cidades e localidades diversas, bem como a origem e evolução desses nomes; a segunda, os nomes de pessoas, por meio dos nomes próprios individuais: prenomes ou apelidos de família.

No presente trabalho, voltaremos nossa atenção à Toponímia por ser esta a que abrange, mais especificamente, os objetivos de nosso estudo.

Os estudos toponímicos constituem-se como bastante complexos. Não é tarefa fácil para o pesquisador investigar fatos relacionados aos nomes de lugares, pois esse tipo de pesquisa demanda diversas atividades, como observar a história da transformação dos nomes, sua evolução fonética, mudanças gramaticais, influência das migrações, nomes impulsionados pela mitologia ou folclore, entre outros.

Estudar o signo toponímico é estudar uma diversa gama de fatores comunicacionais. O topônimo é, muitas vezes, chamado de “testemunho histórico”, conforme afirma Dick (1990b, p. 22):

a toponímia situa-se como a crônica de um povo, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras, o topônimo é o instrumento dessa projeção temporal. [...]Torna-se, pois, a reminiscência de um passado talvez esquecido, não fôra a sua presença dinâmica.

A nomeação, seja de lugares ou, como em nosso caso, de acidentes físicos, “exige” do nomeador a relação conhecimento \times lugar nomeado, e, em muitos casos, o nome refletirá, como já dissemos, características culturais, sociais, religiosas, entre outras, presentes na vida dos indivíduos de determinada comunidade/região, traços relacionados a seu mundo, e a determinados campos conceituais que, para ele, sejam capazes de representar a coexistência entre a realidade e o objeto alvo de sua atenção. Essa relação pode se considerada de suma importância, seja numa perspectiva atual de determinada nomeação, ou não. Dick (1990a, p.30) observa:

Ora, o homem, em sua qualidade de membro de um agrupamento, representa, por força da introjeção de costumes e de hábitos generaliza-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

dos, senão integralmente, pelo menos uma parcela significativa do pensamento coletivo. É a resultante de uma modelagem constantemente burilada pelo próprio dinamismo das paralelas línguio-sociológicas em que se movimenta. Suas ideias e manifestações de espírito, suas atitudes e condutas – conscientizadas, ou não, diante de situações concretas reguladas pela necessidade humana de sobrevivência – e seu próprio existir, enfim, tornam-no a “personalidade histórica” atemporal e aespacial, por excelência.

A motivação toponímica constitui-se sobre duas vertentes: primeiro, na intencionalidade do denominador, isto é, a eleição de um nome por circunstâncias várias, de ordem objetiva ou subjetiva, e segundo, sob o aspecto semântico da denominação, ou seja, no próprio significado, mais ou menos revelador. Seja sob quaisquer modalidades de motivação, teremos aí envolvidos aspectos diacrônicos e sincrônicos, e, para o estudo da toponímia, seria válida uma taxionomia criada para nomes de lugares. Dessa maneira, o signo linguístico, sob a função toponímica, aproxima-se do real e torna clara a natureza semântica de seu significado.

5. Estudos toponímicos no Brasil

Os estudos toponímicos brasileiros receberam forte influência das diretrizes traçadas por Dauzat (1926). Desenvolveram-se consideravelmente a partir de Drummond (1965) e, posteriormente, Dick (1990). Antes, a atenção estava voltada para os estudos indígenas de origem tupi. A partir dos trabalhos de Dick, a ciência toponímica difundiu-se por nosso país, e hoje temos diversas outras pesquisas feitas nessa área que favoreceram enormemente os estudos da linguagem.

Atualmente, há bastantes projetos sendo desenvolvidos por diferentes universidades brasileiras, que têm privilegiado, sobretudo, a elaboração de atlas toponímicos. Destacamos, no estado de Minas Gerais, o projeto de Atlas ao qual está vinculada nossa pesquisa: o ATEMIG, Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais, sob a coordenação da Professora Doutora Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, na Faculdade de Letras da UFMG. Esse projeto é variante regional do ATB, Atlas Toponímico do Brasil, por sua vez coordenado pela Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

O ATEMIG, iniciado em 2005, já apresenta resultados parciais bastante significativos no que se refere ao estudo do território de Minas Gerais: as taxionomias predominantes em cada região realmente refletem hábitos, traços culturais e de ocupação territorial, entre outros, nos lugares os quais o forasteiro conquistou como sendo de propriedade dele. Nossa pesquisa, por sua vez, nos levará a constatar se, no caso dos hidrônimos, os resultados se aproximam ou não dos topônimos na área por nós delimitada, pertencente ao território mineiro.

6. A relevância de um estudo na Região do Rio das Velhas

Ao observar a ocupação do território mineiro, bem como os caminhos e mapas seguidos pelos sertanistas, não nos resta dúvidas da importância dos cursos d'água para o direcionamento, o acesso e a sobrevivência das comitivas em suas incursões.

Os primeiros mapas destacam, além de pontos de partida, nomes de picos e serras, o nome dos rios pelos quais se devia seguir, subir ou descer. Sem os rios, não era possível seguir caminho, e por eles, garantia-se a pesca, a água potável, a caça, e muitas vezes, a navegação.

Após muitas andanças, os rios adquiriram valor maior para os bandeirantes, pois era em suas aluviões encontrados traços da presença de preciosos metais, como o ouro. Nas margens do Rio das Velhas e de seus afluentes, instalaram-se os primeiros povoados da região. Na área rural, estabeleceram-se diversas fazendas, voltadas à criação de gado, porém, ao sul, quase no limite com a comarca de Ouro Preto, predominou a atividade mineradora. Foi, durante muitos anos, a comarca mais densamente povoada, e as atividades e investimentos econômicos aconteciam, principalmente, na região de Sabará e seu entorno. Muitas cidades passaram a ter grande importância, como Ouro Preto, Sabará, Contagem, Caeté, entre outras; determinadas regiões, como os distritos de Quinta do Sumidouro e Fidalgo, centro dos acontecimentos relacionados aos primórdios da história mineira, pertencem hoje a cidades maiores.

Fazem parte da região da Bacia do Rio das Velhas, até o seu limite com o Rio São Francisco, 51 municípios. Interessou-nos pes-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

quisar 19 deles, integrantes da região de estudos abarcadas na presente pesquisa, e ordenados a seguir em ordem alfabética: Belo Horizonte, Caeté, Confins, Contagem, Esmeraldas, Itabirito, Lagoa Santa, Nova Lima, Nova União, Ouro Preto, Pedro Leopoldo, Raposos, Ribeirão das Neves, Rio Acima, Sabará, Santa Luzia, São José da Lapa, Taquaraçu de Minas e Vespasiano.

O estudo da região que abarca o Alto Rio das Velhas faz-se relevante, como já foi mencionado, pelo fato de essa região ser importante como caminho utilizado pelos bandeirantes para a descoberta de ouro e outros metais preciosos, bem como o fato de o “caminho das águas” abrir tantos outros caminhos por terra e formar postos de parada onde, mais tarde, vieram a ser fundadas inúmeras cidades mineiras.

Nossa tese é a de que através da toponímia, pela conservação de nomes de cursos d’água, temos registrados traços étnicos, linguísticos e culturais dos primeiros habitantes dessas regiões. Em nosso estudo, temos como foco o nome dos rios e cursos d’água em geral. Nossa pesquisa foi desenvolvida sob as perspectivas sincrônica e diacrônica. Nosso *corpus* é composto de mapas da região mineira e da região da Bacia do Rio das Velhas, feitos nos séculos XVIII, XIX e XX. Por esse motivo, os nomes encontrados nos mapas foram submetidos à catalogação e análise de sua grafia, estrutura morfológica, origem e taxionomia. Por meio dos mapas, foi possível verificarmos mudanças nos topônimos, propriamente ditos, ou em sua grafia, a frequência com que cada nome foi registrado ao longo dos séculos, as taxionomias predominantes, entre outros dados.

Em nosso trabalho optamos por fazer um levantamento bibliográfico e buscar em mapas antigos e contemporâneos, dados que pudessem ilustrar, enriquecer e contribuir para o esclarecimento de questões que se levantaram.

Os nomes dos cursos d’água em sua forma contemporânea, analisados em nossa pesquisa provêm da catalogação dos dados coletados em mapas do estado de Minas Gerais, realizados e aprovados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) nas décadas de 1970, 1980 e 1990.

7. Apresentação dos resultados

Do montante total dos hidrônimos, foi feita a separação e quantificação de sua origem, taxionomia, qual o tipo de acidente a que pertence e a estrutura morfológica de cada um; esses foram os itens utilizados para a realização de uma estatística geral. Segue a análise, subdividida em tópicos.

A natureza dos hidrônimos subdivide-se em física e antropocultural. Em nosso *corpus*, tivemos, dentro do total de 820 ocorrências, 420 hidrônimos de natureza física, 390 de natureza antropocultural e 10 não encontrados ou não classificados.

Já no que diz respeito à classificação taxionômica, os dados de nossa pesquisa revelaram que os fitotopônimos alcançaram maior número de registros na região estudada: 136. O fato de termos, na região da Bacia do Rio das Velhas, a predominância de fitotopônimos, mostra-nos o valor que a natureza representa para os habitantes dessa localidade. Voltando ao princípio adotado por nós, de que a língua é o reflexo da sociedade, em nossos dados temos uma ampla representação que vem confirmar esse fato.

O homem desbravador, o bandeirante, o boiadeiro, aqueles que primeiro possuíram os desertões mineiros, encontravam na natureza, ao mesmo tempo, mortal e agreste, o meio para sobreviver. A natureza, a muitos, parecia sombria, mas não a ponto de fazer os expedicionários retrocederem. Os que conheciam a fundo o significado de uma empreitada ao sertão, com o passar do tempo, cuidaram para que não lhes faltasse mantimento, pois diversas expedições foram malogradas devido à falta de víveres. A natureza presente no território brasileiro, entretanto, muito poderia oferecer, tanto por sua abundância, por meio de frutas ou caça, quanto de outros recursos indispensáveis, meios de sobrevivência aos desbravadores. A sobrevivência dos incursionistas e a garantia de condições de vida favoráveis dependiam, e muito, do conhecimento que detinham e do uso que faziam da natureza. *Abóboras* eram alimento, bem como também o fruto das *bananeiras*. *Angicos* eram abundantes devido à grande presença de cursos d'água e açudes em todas as partes. A *amica* era usada para tratar fermentos; *bambus*, utilizados para diversos fins, como a confecção de cercas, após o estabelecimento de áreas de ocupação devidamente demarcadas, onde era possível se plantar um

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

batatal de bom tamanho. Da *braúna* era retirada a madeira, utilizada para construção e cuja resina era aproveitada como alimento. O *cipó* era utilizado para amarrações; da *embira* era possível a produção de cordas e estopa. A utilidade dos recursos naturais foi e ainda hoje é marcada por meio de topônimos e hidrônimos.

Em segundo lugar, no que concerne à Taxionomia dos dados de nossa pesquisa, aparecem os antropotopônimos, com 125 ocorrências. Os antropotopônimos, como observamos, também se fizeram bastante presentes em nosso *corpus*. Detectamos diversos apelidos de família, prenomes, alcunhas, que nomeiam os cursos d'água abrangidos por nossa pesquisa. Nota-se que são nomes que se cristalizaram e se mantiveram ao longo dos anos, mesmo que o porquê das denominações não seja mais conhecido. Segundo Seabra (2004), quando o nome encerra alguma relação com a história, ele se mantém ao longo dos anos, mas, se a denominação estiver ligada a nomes de antigos sertanistas, pessoas pouco conhecidas e/ ou que não se mantiveram na região, a noção de “sentido” do nome se torna apagada e é possível que o mesmo seja até substituído por outro.

Foi notável também a presença dos hidrotopônimos, que ocupam o terceiro lugar em nossos resultados, com 92 ocorrências. A água ocupa alto valor no que diz respeito à subsistência e à implantação de vilas, lugarejos e cidades em determinados locais. Os geomorfotopônimos aparecem em quarta colocação nos resultados, com 59 ocorrências, e logo na sequência, com 54 ocorrências cada um, vêm os sociotopônimos e animotopônimos.

A presença de nomes ligados à características dos terrenos, como o relevo, depressões e elevações, por meio de geomorfotopônimos, relaciona-se claramente ao processo de ocupação e estabelecimento do homem no território mineiro: sabemos que os bandeirantes guiavam-se por rios, alegravam-se ao avistar determinada *Serra*; um *Morro Redondo*, *Morro Preto* ou *Morro Vermelho* indicava-lhes a certeza do caminho. Atravessar córregos em forma de *Funil*, batizar a um belo campo de *Campo Alegre*, passar por *Vargens*, descobrir e explorar uma *Mina*, perder-se pelo *Cafundão* do território eram situações cotidianas.

A presença dos sociotopônimos na nomeação do ambiente destaca-se pelo estabelecimento de profissões, como *Boiadeiros*,

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

que, conforme os registros históricos, também foram pioneiros na ocupação de Minas; outros nomes, como *Cumbe, Boticário, Curral, Fazenda, Engenho, Quilombo, Rancho, Soca, Sangrador*, mostram retalhos da vida e do cotidiano das pessoas das épocas consideradas em nossa pesquisa. O mesmo se pode dizer sobre os zootopônimos, que nos afirmam a opulência da natureza com a qual era necessário saber lidar, ou dela tirar proveito: *Cobras, Macacos, Quatis, Leitão*, entre outros.

Os litotopônimos correspondem a um total de 49 ocorrências em nosso *corpus*. Eles se relacionam tanto a minerais que representavam a riqueza, como *Ouro, Prata e Cristais*, mas também a minerais que representavam os caminhos, os ambientes e as construções, como *Areias, Barro, Cascalheira, Lapa, Lajes*.

Hagiotopônimos e ergotopônimos apareceram na mesma proporção, ou seja, em número de 32 ocorrências, o que, curiosamente, põe, segundo nossos dados, em pé de igualdade, pelo menos no que se refere à nomeação de rios e cursos d'água, alguns bens materiais, como *Moinho, Pilões e Andaime* e os santos e santas católicos, como *Santa Ana, Santa Lúcia, Santa Paula, São José*, etc. Ao contrário do que se poderia esperar desse território, por ser um território mineiro, em que a religiosidade sempre parece ser bastante expressiva, nos dados de nosso *corpus* a mesma não se fez presente de forma predominante. As demais taxionomias, como hierotopônimos, dimensiotopônimos axiotopônimos e cromotopônimos receberam número menor que 20 ocorrências. Poliotopônimos, numerotopônimos, cardinotopônimos e astrotopônimos receberam um total menor ou igual a 1 ocorrência.

8. *Considerações finais*

Durante essa jornada pelos estudos da hidronímia do Rio das Velhas, foi-nos possível conhecer mais sobre a história de Minas e constatar, o quanto, ainda hoje, somos influenciados por fatos que ocorreram há séculos. O passado dialoga com o presente, e sabemos, a língua e a cultura influenciam em muito nosso comportamento, nossos hábitos, nossa maneira de habitar nosso espaço e enxergar o que nos cerca. Finalizamos, assim, o presente estudo, valendo-nos da

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

afirmação que se encontra em Seabra (2004, p. 384): “a Toponímia tem um compromisso com a língua como voz, ferramenta e fundamento da experiência humana, transmitindo informações e refletindo a história dos povos”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAUZAT, A. *Les noms de lieux*. Paris: Delagrave, 1926.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo/Edições Arquivo do Estado, 1990a.

_____. *Toponímia e antroponímia no Brasil. Coletânea de estudos*. 2. ed. São Paulo: USP, 1990b.

DRUMOND, Carlos. *Contribuição do bororo à toponímia brasileira*. São Paulo: USP, 1965.

DURANTI, Alessandro. *Antropologia linguística*. Madrid: Cambridge University Press, 2000.

LABOV, William. The Reflexion of Social Processes in Linguistic Structures. In: FISHMAN, Joshua (ed.). *Readings in the Sociology of Language*. The Hague: Mouton, p. 240-251, 1968.

SEABRA, Maria Cândida T.C. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da Região do Carmo*. 399 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.